



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

ANOTAÇÕES EM UM CADERNO DE ORAÇÕES: ANÁLISE SOBRE FEMINISMO E GÊNERO NA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA

KELLEN CRISTINA DE ABREU

Mestranda em Administração Pública.

Linha de Concentração: Políticas Públicas e Controle Social.

Programa de Pós-Graduação Administração Pública.

Universidade Federal de Lavras, Lavras, Minas Gerais.

Resumo

A religião Católica é a fonte da manutenção de vários preceitos tradicionais, dentre eles os papéis sociais do masculino e do feminino, tanto no âmbito familiar quanto social e político. Apesar de as mulheres serem o principal público das Igrejas católicas, constituindo sua base de sustentação, faz-se de suma importância pensar a respeito da manipulação religiosa do corpo feminino. O movimento Renovação Carismática Católica permite ocupação de papéis de liderança/direção por mulheres, contudo, o empoderamento ainda precisa se concretizar no desenvolvimento da habilidade para pensar criticamente e na construção da coesão de grupo, buscando finalmente subverter a manutenção dos papéis sociais pela doutrina, discursos e tradição do domínio patriarcal sobre os corpos femininos que ainda se recusa a permitir a cidadania plena para as mulheres. À luz da discussão teórica abordada este estudo pretendeu-se tomar como objeto de análise um caderno de orações de uma pessoa ex membro do Movimento Renovação Carismática Católica. Neste contexto, o questionamento alicerce foi: qual a perspectiva das pessoas dentro deste movimento sobre a mulher e o feminismo? O objetivo deste estudo é analisar, à luz de estudos sobre questões de gênero, as oito anotações em que situações relacionadas a essa temática foram registradas. Esta pesquisa, qualitativa e exploratória, valeu-se de dados de origem documental. Em aspectos gerais, percebe-se que dentro do Movimento Renovação Carismática, recai grande pressão sobre as meninas e mulheres, responsáveis pelo “exemplo mariano a ser seguido”, já que toda a culpa recai devido à naturalização da sensualidade feminina.

Palavras-chave: empoderamento, consciência, feminismo, religião, Renovação Carismática Católica.

1. Introdução

A subjugação do gênero feminino é uma questão estrutural, que atinge interruptamente a sociedade e suas relações. Os direitos das mulheres nas democracias contemporâneas têm se mostrado frágeis, devido, justamente, a esta estrutura social de subjugação, como pontuou Simone de Beauvoir em 1949, em seu livro *O Segundo Sexo*, em que trata de questões acerca do ser, pensar e viver feminino num segundo plano nas relações sociais e familiares de sua época e que se arrasta resistidamente até os dias atuais.

Apesar disso, o espaço de atuação da mulher na sociedade tem se alargado continuamente em resposta à sua resistência e, por conseguinte tem avançado e conquistado cada vez mais espaço no mercado de trabalho, apesar de suas atividades profissionais sofrerem desvalorização, cuja remuneração chega à defasagem de até 30% em relação ao salário dos homens como apontam as pesquisas do Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID.

Os direitos políticos femininos, conquistados tardiamente evidenciam a tamanha disformidade que ainda perpassa os gêneros como construções sociais enquanto feminino e masculino, numa polarização que se antecede e se sobrepõe a todas as relações. O Congresso Nacional atual é o retrato de que o direito de votar e ser votado – apse dos direitos políticos – não garante igualdade sem, simultaneamente, a operacionalização de políticas públicas como instrumentos de mudança social e canal de instrumentalização das proposições legislativas, uma vez que a igualdade formal se encontra estratosféricamente distante da realidade afetada pelo viés de gênero.

As lutas feministas, responsáveis por conquistas inquestionáveis, sobretudo no âmbito dos direitos, organizaram-se historicamente como forma de reverter a cultura patriarcal. Entretanto, o poder patriarcal permanece porque não permite alterações em sua lógica, e em razão disso o feminismo é tido como afronta à ordem social e tentativa de sujeição do gênero masculino.

A imposição do casamento e a subordinação conjugal torna notório que não só a vida pública era e é afetada, mas o cerne se encontra em primeira instância nas relações familiares, cuja subordinação cerceia a liberdade de escolha do gênero feminino em razão da não desconstrução dos poderes hegemônicos garantidores da supremacia masculina.

Liderada pelo movimento feminista, tanto no debate acadêmico quanto no cotidiano político foram promovidas tímidas, mas significativas conquistas no âmbito das políticas públicas com foco nesta minoria social. No Brasil, essas políticas são a clara ilustração deste processo.

Vários órgãos foram criados em prol das mulheres vítimas de violência, entre eles podemos citar Secretarias de Políticas para as Mulheres, Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher, Centros de Referência de Atendimento à Mulher, Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, Serviços de Saúde Especializados para o Atendimento dos Casos de Violência Contra a Mulher, que representam os direitos das mulheres e buscam deliberar sobre casos de violência contra a mulher.

Mesmo com a criação destes mecanismos, os Mapas de Violência dos últimos anos apontam crescimento no número de assassinatos praticado contra mulheres em relação à última década, no qual o Brasil encontra-se como 5º país dentre os pesquisados com maior número de feminicídios. Esse crescimento pode estar relacionado à abertura da mídia para trazer essa temática, muitas vezes veladas e também ao efetivo funcionamento desses órgãos.

A Lei Maria da Penha de 2006 e a Lei do Feminicídio de 2015 representam grandes conquistas para a superação do patriarcado. Entretanto as Leis não garantem a reversão desta realidade, é antes necessário, políticas públicas de caráter intersetorial capazes de promover ações integradas no processo de superação da fratura social decorrente do patriarcado. A problematização da realidade por meio de abordagem crítica na educação e nos espaços de diálogo políticos é, sobremaneira, importante, como fator de superação dessa realidade.

Neste estudo, portanto, pretende-se voltar o foco para um grande espaço responsável pela compreensão, ou não, da questão de gênero como construção social, determinando valores e concepções. Responsável, em grande medida, pela perpetuação da subjugação do gênero feminino.

Este espaço se mostra como bastante significativo, que já foi crucial, mas que ainda exerce seu poderio: a igreja católica. As instituições católicas trazem consigo, agora não tanto, mas ainda, a perpetuação de uma cultura, que como toda cultura, preserva papéis que se constituem também em relações de gênero, em imposições de gênero e subjugação de gênero. O papel dos homens, o papel das mulheres, e as relações nesse espaço.

Entretanto cabe lembrar que não se molda um comportamento restrito aos assalhos de uma catedral. A construção dessas relações é carregada para casa, para o trabalho, para os passeios. Está na educação dos filhos e filhas e na forma de ver e agir socialmente.

Trata-se de uma cultura conservadora que se arrasta desde o antigo testamento. As mudanças têm ocorrido por culpa da tomada de consciência dos sujeitos imersos nessas celebrações e daqueles que, de fora, manifestam suas críticas. Contudo isso ainda depende sobremaneira do quão arraigado à tradição determinada comunidade se encontra.

É claro que o conservadorismo não é disseminado exclusivamente pela igreja. A sociedade se constrói e se influencia. Entretanto a igreja reforça e faz perpetuar relações de subordinação a determinados padrões, justificando-se pela tradição e por poderes superiores. Quanto a isso

é importante [voltar-se] para uma análise de gênero, às referências explícitas do comportamento moral do fiel, especialmente das mulheres [...]. Porém, apesar desse controle moral não nascer especificamente junto com a moral cristã, foi ela que estabeleceu os mecanismos de poder, capazes de controlar o desejo humano pelos prazeres carnis (STEIL, 2003, citado por OLIVEIRA, 2009, p. 48).

Dentre os vários movimentos da igreja Católica está a Renovação Carismática Católica, sigla RCC, surgida nos Estados Unidos por volta de 1965, concretiza-se por meio dos chamados grupos de oração (G.O.) que são encontros, geralmente semanais, com orações e ritos próprios, diferenciando-se um pouco da tradicional missa, evento mais comum na Igreja Católica.

O movimento apresenta uma abordagem inovadora dos tradicionais ritos da Igreja, mas não se desvia da Doutrina da instituição. Logo sua prática baseia-se em todos os preceitos católicos romanos, mas operados de formas diferentes procurando atrair os fiéis, utilizando-se de oratória simples, músicas animadas, orações espontâneas, e, sobretudo, uma significativa proximidade com o público, podendo este, inclusive participar dos ministérios e assumir funções de liderança/direção.

As regiões com presença da Igreja Católica são divididas em dioceses, e, portanto, este estudo tratará do Movimento Renovação Carismática Católica em uma diocese do sul de Minas Gerais.

Foi possível ter acesso a um caderno de orações de uma pessoa ex integrante do movimento nessa diocese que descreveu oito situações em que questões de gênero foram abordadas, por membros do movimento durante eventos atividades. Tomando essas anotações como objeto de análise neste estudo pretendeu-se responder o seguinte questionamento: qual a perspectiva das pessoas dentro deste movimento sobre a mulher e o feminismo?

O objetivo deste estudo é analisar, à luz de estudos sobre questões de gênero, as oito anotações em que situações relacionadas a essa temática aconteceram.

Para tanto primeiramente a proposta é debater alguns termos e abordagens interessantes sobre a temática gênero e feminismo, para então realizar a análise do objeto empírico.

2. Gênero, Empoderamento e Feminismo

As lutas feministas, responsáveis por conquistas inquestionáveis, sobretudo no âmbito dos direitos, organizaram-se historicamente como forma de reverter a cultura patriarcal. Pois na história da humanidade, ao “sexo frágil” sempre foram reservadas atribuições específicas. “Teorias foram construídas e utilizadas para ‘provar’ distinções físicas, psíquicas, comportamentais; para indicar diferentes habilidades sociais, talentos ou aptidões; para justificar os lugares sociais, as possibilidades e os destinos ‘próprios’ de cada gênero” (LOURO, 2007).

A partir daí nota-se que a desconstrução após a naturalização dos papéis sociais percorre um dificultoso caminho que se inicia com o processo de empoderamento. Mas comecemos por entender o que é gênero.

2.1 Gênero

Para entender as relações sociais e as desigualdades que permeiam as condições entre homens e mulheres é preciso tratar do termo gênero. “Gênero é uma palavra cujo significado – qualquer classe de arte, pessoas, fatos, coisas – tornou-se politicamente forte somente depois de passar a designar a construção social da feminilidade e da masculinidade” (SUAREZ, 1999, p. 4).

Inserindo-se nessa construção a conotação gênero evidencia as disparidades que se têm devido à divisão dos papéis sociais de homem e mulher. “No discurso do senso comum mais clássicos, a mulher é celebrada como um ser intuitivo, amoroso e dadivoso ao mesmo tempo que é desqualificada de razão, coragem, agressividade e outros atributos associados aos homens” (SUAREZ, 1999, p. 1).

Isso significa que o uso do termo no discurso feminista e nos estudos dessas relações prevê incorporar e evidenciar as formas como se dão essas relações e as desigualdades que surgem a partir daí. De fato, “o uso mais forte da palavra gênero é desconstrutivo, no sentido de servir para quebrar a ideia de que ser mulher é uma condição essencial, dada pela natureza. (SUAREZ, 1999, p. 4).

O entendimento dessas relações perpassa inevitavelmente a ideia de poder, já que não se constrói relações de dominados e dominadores sem esse elemento central.

2.2 Poder

A questão do poder traspassa inexoravelmente a discussão sobre gênero devido à sua centralidade, sobretudo quando tratamos da construção social de papéis. As estruturas de poder estão capilarizadas nas relações sociais, desde o âmbito intrafamiliar até as relações macro capitalistas. Portanto o poder admite e assegura determinadas estruturas sociais cujos atributos “dominador” e “dominado” se perpetuam ao logo do tempo e dos processos.

Costa (2002) traz Julieta Kerkwood para colocar que “o poder não é, o poder se exerce. E se exerce em atos, em linguagem [...]. Conservar o poder [...] é exercê-lo continuamente, é transformá-lo em atos repetidos ou simultâneos de fazer, e de fazer com que outros façam ou pensem. Tomar-se o poder é tomar-se a ideia e o ato”.

A partir dessa perspectiva, pode-se remeter à Maria da Penha dizendo “somos 52% da população e mães da outra metade. Podemos mudar as coisas”. A grande dificuldade, entretanto, de concretização da consciência e do empoderamento feminino é que está socialmente arraigado o domínio da cultura patriarcal. E está de tal forma, enraizado que se tornou naturalizado, colocando-se como parte inevitável da jornada humana. Como afirma Costa (2002) “as relações de poder se mantem porque os vários atores – tanto os dominadores como os dominados – “aceitam” as versões da realidade social que negam a existência de desigualdades, que afirmam ser estas desigualdades resultantes de desgraça pessoal ou da injustiça social. Esta aceitação é construída

através dos mecanismos de socialização (ideologia, crenças religiosas)”. E aí, lá vamos nós perpetuando o “domínio do arquétipo viril”.

2.3 Empoderamento

A partir do entendimento das relações de poder evidenciadas pela construção social de gênero, ou seja, os papéis socialmente definidos como masculino e feminino, é possível falar de empoderamento.

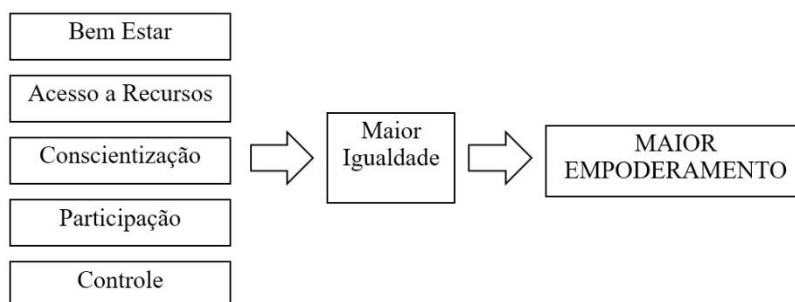
O termo empoderamento “suruiu como os movimentos de direitos civis nos Estados Unidos, nos anos 1970, através da bandeira do poder negro, como uma forma de autovalorização da raça e conquista de uma cidadania plena” (COSTA, 2002).

Quase que simultaneamente, na mesma década, o termo começou a ser usado pelo movimento de mulheres também nos Estados Unidos e hoje constitui-se um termo muito usado pelo feminismo, para designar a mulher que toma consciência de sua força e toma o poder sobre si mesma.

O processo de empoderamento dentro do movimento feminista “compreende a alteração radical dos processos e estruturas que reduzem a posição subordinada das mulheres como gênero. As mulheres tornam-se empoderadas através da tomada de decisões coletivas e de mudanças individuais” (COSTA, 2002).

Para compreender melhor o que é o empoderamento Stromquist o dividiu em cinco preceitos. Primeiro, a construção de autoimagem e confiança positiva, depois o desenvolvimento da habilidade para pensar criticamente, em seguida a construção da coesão de grupo, logo antes da tomada de decisão e por fim a ação (STROMQUIST, 1999, citada por COSTA, 2002). Pode se perceber então que o empoderamento está também, ao mesmo tempo que no âmbito privado, na esfera política e social.

E para tanto, a concretização do empoderamento feminino se dá por cinco níveis de igualdade (COSTA, 2002):



FONTE: Adaptado de COSTA (2002).

Os níveis de igualdade de Costa (2002) evidenciam que “o processo de empoderamento da mulher traz à tona uma nova concepção de poder, assumindo formas democráticas, de tomadas de decisões e responsabilidades compartilhadas” (COSTA, 2002).

A definição de empoderamento é próxima da noção de autonomia, pois se refere à capacidade de os indivíduos e grupos poderem decidir sobre as questões que lhes dizem respeito, escolher, enfim entre cursos de ação alternativos em múltiplas esferas – política, econômica, cultural, psicológica, entre outras. Desse modo, trata-se de um atributo, mas também de um processo pelo qual se auferem poder e liberdades negativas e positivas. Pode-se, então, pensar o empoderamento como resultante de processos políticos no âmbito dos indivíduos e grupos (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007, p. 486).

Neste contexto o conceito de empoderamento vem ressignificar a condição dos dominados - dominadas, no caso. É, pois, tomar controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, de seu destino, tomar consciência das suas habilidades e competências. E isto se dá pela construção de uma autoimagem e confiança positiva e, sobretudo, a construção da coesão de grupo e a ação.

Observa-se, portanto, que o aspecto contextual tem grande influência nas reconfigurações de papéis sociais e processos de empoderamento, pois a partir da conjuntura social, política e/ou econômica a ressignificação torna-se o caminho possível ou necessário para superação da condição de subordinação.

Mas isso se difere em cada esfera responsável por moldar e influenciar tais comportamentos reprimindo outros, dentro da religião católica, por exemplo, a doutrina e a tradição têm grande influência.

2.4 Feminismo e Religião Católica

A religião Católica é a fonte da manutenção de vários preceitos tradicionais, dentre eles os papéis sociais do masculino e do feminino, tanto no âmbito familiar quanto social e político. Apesar de “as mulheres serem consideradas o principal público das Igrejas, constituindo sua base de sustentação” (SCAVONE, 2008, p. 2), faz-se de suma importância “pensar teologicamente a respeito da manipulação religiosa do corpo feminino, o que envolve evidentemente outros âmbitos, como a medicina, o direito e a política” (ROSADO-NUNES, 2006, p. 296).

Não há dúvida de que ocorreu uma importantíssima transformação no século XX, à medida que a doutrina social católica chegou a um maior apreço pela liberdade, dignidade e direitos da pessoa individual. Entretanto a igreja não aderiu às ideias liberais, tanto que, dentre outras esferas pode-se ver na “maneira como a Igreja católica se manifesta em relação aos direitos das mulheres. A análise do ‘infindável e, talvez, insuperável’ conflito entre ideias liberais e concepções católicas ajuda a entender as tensões entre o catolicismo e as lutas das mulheres por autonomia” (ROSADO-NUNES, 2008, p. 72).

Essa concepção biologizante das mulheres como esposas e mães que prevalece na Igreja [...] não apenas forma a base de sustentação do poder eclesiástico, hierárquico e masculino, mas também funda um modelo de relação entre os sexos, independente das vontades individuais porque referida a uma “ordem natural” dada por Deus, fundada na biologia, imutável. Estabelecem-se, assim, os parâmetros de relações familiares, em que a autoridade é hierárquica e patriarcal (ROSADO-NUNES, 2008, p. 74).

O feminismo desponta então em duas vertentes no que diz respeito à posição da mulher dentro do catolicismo,

Na crítica feminista laica e religiosa havia, então, embate explícito contra a hierarquia católica masculina, que ditava regras para a vida das mulheres, perpetuando a desigualdade de gênero. Na crítica feminista católica se contestava os lugares que as mulheres ocupavam na Igreja – tal qual a impossibilidade da ordenação feminina - que apontavam para as questões de poder e de gênero em luta no campo religioso (SCAVONE, 2008, p. 2).

A proposição de desconstrução da simbologia masculina no catolicismo conta com movimentos “por dentro”, como, por exemplo, o movimento das Católicas pelo Direito de Decidir (CDD) que “tem um papel fundamental dentro do catolicismo, neste continente, por defender os interesses das mulheres no próprio campo religioso que, como todos os campos sociais, é um campo de lutas” (BOURDIEU, 2000, citado por SCAVONE, 2008, p. 4).

Outros movimentos como o movimento negro, entidades indígenas e movimento de mulheres, por sua atuação interna ou externa, têm forçado a igreja a rever sua doutrinação histórica responsável por “distinções entre os grupos sob os quais recai o seu domínio [...] A emergência desses novos atores sociais, reivindicando seu lugar nas Igrejas, exige o enfrentamento da questão[...]” (ROHDEN, 1997, p. 52). Por exemplo, revisões das interpretações existentes dos

textos sagrados e a proposição de novas interpretações são uma constante entre as teólogas feministas (ROSADO-NUNES, 2006, p. 294).

Ivone Gebara, é um ícone no que diz respeito a teologia feminista. Ela é religiosa e doutora em Filosofia, pela PUC de São Paulo, e em Ciências Religiosas, pela Universidade de Louvain. Sua obra

caracteriza-se, acima de tudo, pelo desejo de rompimento não só de um silêncio imposto às vozes femininas no âmbito das instituições religiosas cristãs, mas também o rompimento da naturalização de determinadas posturas, apontando para a imposição de papéis que são infligidos às mulheres e que são naturalizados, pelas práticas teológicas discursivas e não-discursivas, como parte de seus "incontestáveis destinos" (CARVALHO, 2000, p. 229).

Algumas teólogas feministas como Elisabeth Schüssler Fiorenza, apontam que “as mulheres formam uma ‘cidadania de segunda categoria’ pelo não acesso a todos os sacramentos, em especial à ordenação” (TOMITA, 2006, p. 56). Para Fiorenza a igreja está “hierarquicamente estruturada, centralizada no gênero masculino e regida de forma monocrática” (FIORENZA, 1999, citado por TOMITA, 2006, p. 57).

as religiões tendem a sustentar que os papéis sociais são sagrados, sacralizando a crença de que homens e mulheres possuem papéis sociais diferentes que se complementariam: ao homem é delegada a autoridade sobre sua família e à mulher cabe o papel de subserviência para com o seu marido e o cuidado com os filhos (CASTRO, 2013, p. 144).

A igreja católica em sua atribuição de reforçadora dos papéis sociais, tem como 80% do público mulheres (CASTRO, 2013, p. 147), e ainda assim, sendo predominantemente ocupada por dirigentes homens mantendo-as como meras coadjuvantes “permite perceber que igualdade entre mulheres e homens está longe de ser uma realidade tanto na sociedade como na Igreja Católica” (ROSADO-NUNES, 2006, p. 297).

2.4.1 A Renovação Carismática Católica

Dentro da Igreja Católica há um movimento chamado Renovação Carismática Católica (RCC). Este movimento vem para o Brasil via Estados Unidos na virada da

década de 60 para 70. Entretanto esse movimento é criticado por setores da própria instituição por serem muito conservadores e se aproximarem do protestantismo.

Como um movimento de pentecostalização do catolicismo, vem sofrendo muitas restrições por grande parte da hierarquia - bispos e padres - e também por freiras e líderes leigos, especialmente aqueles de orientação progressista. Acusado de alienador por compartilhar com os pentecostais uma ênfase em experiências místicas e milagrosas, como também na moral individual, esse movimento que vinha se expandindo basicamente nas camadas médias, chegou às camadas trabalhadoras e aos bairros populares, reproduzindo a mesma tendência de crescimento. Muito similar teologicamente aos pentecostais, os católicos carismáticos trocam mais com esses do que com os católicos progressistas, a despeito de compartilhar com os últimos os mesmos rituais, tradição, doutrina e líder (MACHADO; MARIZ, 2017, s.p.).

A Renovação Carismática Católica concretiza-se por meio dos chamados grupos de oração (G.O.) que são encontros, geralmente semanais, com orações e ritos próprios, diferenciando-se um pouco da tradicional missa, evento mais comum na Igreja Católica. “O caráter emotivo e espontâneo é o que diferencia os grupos de oração carismática de outros grupos da Igreja Católica. Seu público, em maioria, é representado por mulheres” (CASTRO, 2013, p. 146).

O movimento apresenta uma abordagem inovadora dos tradicionais ritos da Igreja, mas não se desvia da Doutrina da instituição. “O movimento reforça a Igreja Católica cada vez mais se integrando à estrutura mais ampla da Igreja, e sob seu controle” (CASTRO, 2013, p. 147).

Não questiona a doutrina oficial da igreja Católica. Pelo contrário, tende a reforçar valores, como obediência ao Papa - tanto que alguns autores chegam a argumentar que o [movimento] RCC reforçaria a Igreja, enquanto os grupos progressistas a questionariam. (MACHADO; MARIZ, 2017, s. p.).

Para o setor progressista da igreja católica, este movimento manifesta “sinais de alienação religiosa e política” (MACHADO; MARIZ, 2017, s. p.). Além disso, ao alcançar as camadas mais pobres “aumentam suas semelhanças com os pentecostais no sentido de enfatizarem mais o discurso sobre o demônio e o moralismo individual. (MACHADO; MARIZ, 2017, s. p.).

Entre os carismáticos, a vocação dos fiéis que optam pela salvação consiste em cumprir o seu dever para com Deus numa vida cotidiana regida pela moral, não importando as restrições, controles ou a forma como serão vistos pelos outros, o importante para eles é alcançarem a salvação (OLIVEIRA, 2009, p. 28).

Apesar da semelhança, ao contrário das religiões pentecostais em que os líderes é que orientam a vida dos fiéis, na igreja católica “os sacerdotes podem ter sua autoridade diluída e educadores religiosos da comunidade assumem um lugar importante, mantendo eventualmente uma postura crítica em relação às orientações do Papa” (SILVA; SANTOS; LICCIARDI; PAIVA, 2008, p. 691). E especificamente no Movimento Renovação Carismática Católica, os grupos de oração e toda a sua organização está estruturada “sob a iniciativa e liderança de leigos (as)” (CASTRO, 2013, p. 146).

Isso pode ser eficiente para a propagação da instituição e da formação de maior número de fiéis, contudo, há uma grande dificuldade de unanimidade do entendimento e aceitação dos preceitos, podendo tanto oscilar para maior conservadorismo, quanto para maiores ideais liberais. Por exemplo, “o aborto e a homossexualidade são os temas que carregam as maiores marcas da heteronomia moral religiosa, interpeladas pela tensão entre modernidade e tradição” (WHO, 2006, citado por SILVA; SANTOS; LICCIARDI; PAIVA, 2008, p. 691) e dos diversos posicionamentos de pessoas com idades, conhecimentos e pontos de vistas diferentes. Apesar disso, “nesses temas o discurso religioso é mais duro e resistente ao discurso dos direitos sexuais e direitos reprodutivos, cuja promoção e proteção têm sido incluídas como parte da definição de saúde sexual” (WHO, 2006, citado por SILVA; SANTOS; LICCIARDI; PAIVA, 2008, p. 691).

O Movimento Renovação Carismática Católica possui identidade e discurso bem definido e solidificado e possui espaços mais abertos que os movimentos tradicionais da igreja católica. “Abre espaços alternativos para a discussão dos problemas familiares e femininos, criando redes sociais e ajudando as mulheres a recuperar a autoestima [...]” (MACHADO; MARIZ, 2017, s.p.).

No entanto, o comportamento dos líderes e dos fiéis percorrem aspectos de gênero, sobretudo no reforço dos papéis sociais já solidificados tradicionalmente:

eles assumem frente à sociedade uma vestimenta dos tipos carismáticos ideais, para que sejam identificados como pessoas que

estão no caminho da salvação no outro mundo. Deste modo, há um controle dos corpos, um comando moral, que vão desde os códigos de comportamento, até as subjetivações envolvidas. Essa disciplina corporal é estabelecida através de regras e normas, com a intenção de construir corpos dóceis. Assim, por meio de limites e exigências se forma a identidade carismática, que abarca inteiramente os fiéis através da palavra de ordem que seus líderes pronunciam (OLIVEIRA, 2009, p. 99).

E isso recai fortemente sobre os corpos femininos como analisa Oliveira (2009) tomando como fenômeno de análise um grupo de Oração da RCC, em cuja entrevistas ela recebe a seguinte fala:

eu andava sempre com roupinhas escandalosas, eu gostava; mas depois que comecei a ir pra Igreja, tudo mudou. Uma vez fui pra praia, pus o biquíni e comecei a chorar e pensei que eu estava pelada no meio de todo mundo. Então são coisas que Deus vai mudando (entrevista, nº10) (OLIVEIRA, 2009, p. 103).

Continuando com o Estudo de Oliveira (2009), a autora levanta ainda uma outra fala, de comparação social dos corpos masculino e feminino pelos próprios fiéis, em que “o corpo masculino não traz consigo a marca do pecado ou nem é visto como a fonte do desejo; enquanto as mulheres são interditadas de vestirem roupas que possam deixar o corpo a mostra” (OLIVEIRA, 2009, p. 103):

[...]o problema é que a mulher sempre foi na história marginalizada objeto de prazer nessa história machista. Agora, de tanto explorar as mulheres, agora estão explorando os homens, mas você pode notar que em todas as revistas de mulheres nuas, sensuais. Porque como o Pe. Leo fala a mulher é bonita, tem um corpo bonito, ela foi feita por Deus, a mulher é muito mais sensual (líder) (OLIVEIRA, 2009, p. 103).

A fala da entrevistada do estudo da autora, mostra coisas interessantes. Primeiro o conhecimento do discurso sobre a opressão da sociedade contra a mulher; segundo, volta a afirmar sobre a naturalidade da construção social da sensualidade vista como própria do corpo feminino.

A líder é uma mulher que ocupa um posto de coordenação do Grupo de Oração estudado por Oliveira (2009), o que demonstra a ocupação de espaços de lideranças por mulheres. No movimento RCC há uma “crescente presença de lideranças femininas” (CASTRO, 2013, p. 152). “Apesar de serem dependentes de uma hierarquia, elas têm a

possibilidade de estarem como liderança, tendo importante atuação. Isso pode trazer reconhecimento e empoderamento a estas mulheres” (CASTRO, 2013, p. 147).

O problema está na reprodução da opressão e embora ocupem postos de liderança a opressão perdura, e pode acontecer, como no caso descrito, ainda mais cruelmente, pelas próprias mulheres líderes.

Renovação Carismática Católica pode ser comparada a mudança no destino dos cristãos, feita pelo ‘sim’ de Maria, que se fez o vetor de Deus para a salvação da humanidade. E por uma mulher ser o exemplo aos carismáticos, às mulheres as restrições são maiores, pois o movimento traz como ícone, Maria, e as premissas do tipo feminino ideal, assim, as roupas eram censuradas, a maquiagem vetada, qualquer forma de embelezamento que pudesse despertar a libido dos homens era um pecado (OLIVEIRA, 2009, p. 103).

Talvez o problema esteja na própria conscientização do lugar em que ela passou a ocupar dentro da rígida estrutura da Igreja. Ou seja, o empoderamento ainda precisa se concretizar no desenvolvimento da habilidade para pensar criticamente e na construção da coesão de grupo, retomando Stromquist (1999, citada por COSTA, 2002).

Além da manutenção dos papéis sociais - pela doutrina, discursos e tradição - o domínio patriarcal sobre os corpos femininos evidencia que, “o que se refere à conquista da autonomia e da cidadania pelas mulheres, fica o paradoxo de que exatamente uma instituição que prega o amor, a justiça, a fraternidade, seja aquela que ainda se recusa a permitir a cidadania plena para as mulheres” (TOMITA, 2006, p. 57).

Não só no âmbito do trabalho e suas relações, como nos demais espaços, também na igreja, e, talvez, principalmente nela, “as pequenas parcelas de poder ou os pequenos poderes que lhes [às mulheres] tocam e que lhes permitem romper, em alguns momentos ou circunstâncias, a supremacia masculina, são poderes tremendamente desiguais” (OLIVEIRA, KALSING, OLIVEIRA, OLIVEIRA, PEREIRA, 2015, p.).

3. Metodologia

De acordo com a classificação metodológica básica de Gil (2006), quanto à abordagem do problema, é qualitativa. Quanto à natureza do objetivo, por sua vez, a pesquisa é do tipo exploratória, uma vez que teve “[...] como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (Gil, 2006, p. 41).

3.1 Objeto de Estudo

À luz da discussão teórica abordada na seção anterior este estudo pretendeu-se tomar como objeto de análise um caderno de orações de uma pessoa ex membro do Movimento Renovação Carismática Católica que descreveu seis situações em que questões de gênero foram abordadas, por membros e líderes do movimento durante eventos e atividades.

3.2 Coleta e Análise dos Dados

A coleta de dados será por análise documental, pois o material é um caderno que fora arquivado para desenvolver este estudo. A análise de dados se dará por meio de análise de conteúdo do documento à luz da discussão teórica da primeira seção.

4. Análises das Anotações de um Caderno de Orações

Esta seção se propõe a analisar o objeto empírico por meio da discussão de literatura apresentada anteriormente. Para isso, a seguir estão descritas as oito anotações contidas no caderno de orações. Infelizmente não foi possível constatar as datas exatas de cada anotação, mas cabe ressaltar que se trata do período 2013-2016.

Foram feitas em eventos da Renovação Carismática Católica, dentre eles retiros que em sua maioria tem como participantes jovens, pois são organizados pelo Ministério Jovem, um subgrupo do movimento responsável por abordagens que atraíam jovens para a vida religiosa, contudo seus coordenadores são pessoas, em sua maioria, adultas.

Anotação 1

Discussão no intervalo de um retiro de carnaval em uma roda de conversa entre jovens meninas: *“O problema é que os homens não podem se controlar, por isso temos que ser freios. A mulher é o freio. Não adianta, gente, eles não controlam”* (Menina, participante, 16 anos).

Anotação 2

Nos retiros para jovens da RCC tem uma atividade em que se divide todos os meninos e meninas em dois grupos, e estando cada grupo em uma sala o coordenador

responsável pelos meninos e a coordenadora responsável pelas meninas dirigem o debate para as particularidades do sexo masculino no grupo dos meninos e do sexo feminino no grupo das meninas e as relações de cada um com o sexo oposto. Essa discussão envolve castidade, relacionamentos, namoro, casamento, comportamentos e roupas (das meninas, claro). Em uma atividade dessa natureza em um retiro ouviu-se a seguinte fala: *“Eu acho que a mulher não tem que se empoderar, não. Não tem nada disso. Ela tem só que fazer o que ela quiser, tipo se ela quiser usar batom”* (menina, participante, 17 anos).

Anotação 3:

Nesta mesma atividade descrita na anotação anterior, ao que o debate seguia, ouviu-se: *“o feminismo é importante, não é?! a queima de sutiãs lá, padrão de beleza. Mas nós vamos além como mulheres de Deus. Dar nosso melhor”* (Coordenadora, 27 anos).

Anotação 4:

Aviso na hora do intervalo, em um retiro, pelo coordenador do evento observando o traje das meninas: *“meninas, meninas, vamos colocar roupas adequadas, olha, olha, hein?! (coordenador, 35 anos).*

Anotação 5:

Esta anotação se refere a uma declaração feita em momento de oração chamada profecia, em um retiro de carnaval. Isto é, o emissor da mensagem é considerado instrumento por meio do qual o próprio Deus fala: *“Deus está me falando que está libertando as meninas do feminismo”* (menino, 19 anos).

Anotação 6:

No retiro de carnaval um homem fica responsável pelo dormitório dos meninos e homens e uma mulher fica responsável pelo dormitório das meninas e mulheres. Esta anotação trata do momento em que a coordenadora do dormitório feminino fica ao lado de fora da capela conferindo se as meninas estão aptas a participar da missa, mais especificamente impedindo-as de entrar de shorts e camisetas regatas: *“não senhora! Olha essa blusa! Ao respeito! Vai logo trocar! (coordenadora do dormitório feminino, 53 anos).*

Ao dizer isso ela recebe uma resposta de uma das jovens impedidas de entrar, exposta à frente de todos os meninos e meninas que entravam: *“chatice dessa mulher, tá louco! Vê lá se Deus vai ligar pra minha blusa! Com esse calor, colocar blusa de frio então! (menina, participante, 17 anos).*

Anotação 7:

Esta anotação trata-se, diferentemente das anteriores, de uma atividade fora dos retiros. É uma Reunião do Ministério de Intercessão, que acontece semanalmente e faz parte das atividades dos grupos de oração. Esta, em específico, são pessoas que se responsabilizam por se manter em oração pela comunidade. Uma das integrantes de um grupo de oração ao ser questionada sobre aborto responde: “*É importante, sim, igualdade e tudo, mas eu não gosto de extremismos. Não vem com extremismos para o meu lado, não. Eu sou a favor da vida em qualquer momento, isso eu tenho certeza*” (**menina, membro do ministério, 17 anos**).

Anotação 8:

A última anotação trata de um momento de oração em um retiro em que o condutor da oração, profetiza, em nome de Deus a seguinte afirmação: “*Deus está libertando uma menina que praticou aborto. Deus está te curando, amada*” (**Homem, 28 anos**).

Em aspectos gerais percebe-se que o Movimento Renovação Carismática Católica permite que pessoas leigas, sem formação religiosa ou acadêmica (como todos os membros das situações acima descritas) participem de funções de liderança e organizem eventos, tendo assim maior proximidade com o público. Entretanto tendo visto suas declarações, pode-se ver que esse movimento embora inovador quanto aos procedimentos de inclusão dos fiéis nas funções não se desprende do conservadorismo e da cultura patriarcal dos cultos e preceitos tradicionais da igreja Católica.

Em conformidade com Oliveira (2009) depreende-se que a pressão recai em maior grau sobre as meninas e mulheres dentro do movimento, responsáveis pelo “exemplo mariano a ser seguido”, já que toda a culpa recai devido à naturalização da sensualidade feminina, algo que deva ser escondido, impedindo o uso de algumas roupas consideradas inadequadas e desrespeitosas para com deus. E isso é reproduzido pelos membros em posições de liderança tanto o homem (anotação 4) quanto a mulher (anotação 6).

Algo interessante nestas duas anotações é que as meninas são repreendidas, ou seja, elas não estavam usando as roupas consideradas adequadas, mas ao receberem a advertência, mesmo sem vontade e se sentindo desconfortável elas são pressionadas pelo poder dos coordenadores, ao passo que seriam impedidas de participar da atividade ou mesmo expulsas do evento. Poder este que já fora exercido

tanto sobre o coordenador quanto sobre a coordenadora como construção social que eles apenas repassam e reproduzem a lógica aceita socialmente no âmbito da igreja.

Na anotação 6, a menina se revolta e reclama da advertência dada pela coordenadora “[...] *Vê lá se Deus vai ligar pra minha blusa! Com esse calor, colocar blusa de frio então!*”. Mas em sua fala ela, embora questione, não percebe a opressão disfarçada pela tradição religiosa nos cultos e missas. Portanto, para falar de empoderamento nessa relação entre coordenadora que assume posição de liderança e participante que questiona o fato, é importante retomar os preceitos do empoderamento. Primeiro é o de que haja o “desenvolvimento da habilidade para pensar criticamente”, que é o fato de problematizar a questão do calor e de deus; mas em seguida deveria haver a “construção da coesão de grupo” em que a coordenadora perceba que a opressão é sobre sua semelhante e que ela também se encontra inserida nessa minoria social, o que não acontece na situação. Ou seja, a conscientização geraria demandas comuns, que seria participação e emancipação, pois trata-se de um espaço político, construindo maior igualdade e maior empoderamento.

A anotação 1 diz respeito à opressão sobre si mesma e sobre suas semelhantes. Ao dizer que a mulher é responsável pelos comportamentos sexuais do homem, pode-se ter como consequência que elas são responsáveis por quaisquer ataques ao seu corpo (pensamentos e atos) e aos pecados que os próprios homens venham a cometer por “culpa” do seu corpo. Essa ideia se relaciona à dificuldade de concretização da consciência de que o corpo feminino está socialmente arraigado ao domínio da cultura patriarcal e que o homem fora criado para não ter freios e não ter maturidade à medida que esta responsabilidade recai sobre as meninas e mulheres, criando nelas maturidade e responsabilidade sobre seus corpos e de terceiros. “*Os homens não podem se controlar*” porque são construídos socialmente em um padrão de liberdades, à medida em que a mulher em padrão de restrições.

Uma tarefa injusta e pesada que alimenta as relações sociais do domínio masculino sobre o feminino. Retomando Costa (2002) “as relações de poder se mantêm porque os vários atores – tanto os dominadores como os dominados – “aceitam” as versões da realidade social que negam a existência de desigualdades e que afirmam ser estas desigualdades resultantes de desgraça pessoal ou da injustiça social. Esta aceitação é construída através dos mecanismos de socialização (ideologia, crenças religiosas)”.

Quanto à anotação 2, a própria divisão dos jovens em grupos por seu sexo é um empecilho à construção de igualdade de gênero, pois segrega a discussão e polariza o comportamento enquanto comportamentos próprios do sexo masculino e do sexo feminino que precisem de tratamento separado. Exaltando a mulher como responsável pelo pecado seus e dos homens, sobretudo quanto às vestimentas “adequadas”, atribuindo à natureza do homem o construto social de imaturidade e falta de controle sobre seu corpo.

Uma segunda análise sobre essa anotação é sobre o discurso de empoderamento feminino apresentado pela jovem. Sem ter consciência do significado do termo dentro do feminismo ela aponta a desimportância dele para as mulheres e ressalta afirmações que justamente convergem para o empoderamento: “*fazer o que ela quiser, tipo se ela quiser usar batom*”. Ou seja, não há esclarecimento dos conceitos, mas há repulsão a termos feministas devido à criminalização feminismo como se se tratasse de supremacia da mulher sobre o homem ou comportamentos pecaminosos.

Essa discussão continua na próxima anotação em que a coordenadora prevê a necessidade de autonomia da mulher para além do feminismo “*nós vamos além como mulheres de Deus*”. Ou seja, o feminismo pode ser observado e ela reconhece sua importância, mas como católica, deve, em razão de sua fé, descartar alguns princípios feministas e se opor a eles. Tudo bem até aí, mas pode ser que ela se oponha a questões políticas que contradigam sua fé, como a legalização do aborto, cuja decisão afetaria tantas outras mulheres que não compartilham de sua crença e que estariam reféns de seus ideais, pois a opinião traspassa o âmbito religioso e adentra as esferas, política, social e econômica.

Complementando essa reflexão tem-se a anotação 7 em que a questão do aborto é vista como “extremismo”: “*não vem com extremismos para o meu lado, não. Eu sou a favor da vida em qualquer momento*”. Ao ser considerado extremismo o debate perde seu potencial de discussão e se torna algo a ser evitado, impedindo conhecimento e compreensão de posicionamentos distintos.

Dentre as anotações, a 5 e 8 têm seu peso inquestionável: a fé. Mesmo que recheadas de posições ideológicas, tais afirmações tem o suporte espiritual dotado de inquestionabilidade. Ao dizer “*Deus está me falando*”, reprime-se quaisquer tentativas de discussão e de posicionamentos contrários. E ao testemunhar em nome de deus que ele “*está libertando as meninas do feminismo*” e que “*está libertando uma menina que*

praticou aborto” esses dois homens declaram seu posicionamento político e usam a fé para torná-los inquestionáveis.

5. Conclusão

Este trabalho permitiu perceber que apesar da grande aproximação que o movimento Renovação Carismática Católica tem com o público, sobretudo pela simplificação da linguagem, dos ritos e orações espontâneas, suas práticas não se desprendem da tradicionalidade que prende a igreja ao patriarcado e à valorização e perpetuação da desigualdade de gênero.

O que pode ser significativo neste movimento é a possibilidade de as mulheres participantes se tornarem líderes e coordenadoras dos eventos e dos grupos de oração ou outras instâncias, como a atual coordenação nacional ocupada por uma mulher. Entretanto há neste caminho um outro obstáculo, o reconhecimento das ocupantes de tais papéis de liderança da importância da condução do discurso e das atividades dos demais, rompendo com a tradição, o que resultaria em processos de empoderamento; para que a mulher enquanto líder não apenas reproduzisse a lógica, mas proporcionasse reflexões sobre as questões de gênero e do feminismo, “desdemonizando” suas proposições.

A pressão sobre os corpos femininos aprisiona as jovens participantes do movimento à condição de responsáveis, numa lógica punitiva e pecativista. Donas dos corpos sensuais, devem se cobrir e trazer em si a obediência e pureza da Virgem Maria, para que não incorram em pecado e para que os homens não o façam por sua culpa. E fazem isso sem tomar consciência de que a sensualidade feminina é uma construção social, decorrente da lógica patriarcal que percorre a tradição católica.

Os 80% de mulheres que compõem o público da igreja se detém à lógica patriarcal dos 20% de homens, isto feito em nome dos preceitos cristãos e pela tradição, vendando a desigualdade de gênero e o poder masculino instaurado desde a sociedade do antigo testamento. Por enquanto, o alcance do cargo mais alto na instituição católica fica na lenda da Papisa Joana¹.

Notas

¹. Papisa Joana: O que muitos não sabem, porém, é que uma mulher pode estar entre os que ocuparam o posto que hoje é de Francisco. Trata-se de Joana, uma camponesa que teria se passado por homem e sucedido o Papa Sérgio II, no século IX. A história, contudo, é considerada fantasiosa pela Igreja Católica e pela maioria dos teólogos. A escritora inglesa Donna Woolfolk Cross passou sete anos pesquisando e reunindo todos os fatos conhecidos da vida de Joana, extraídos de documentos raros em inglês, espanhol, francês, italiano e latim. O trabalho culminou no livro Papisa Joana (Geração Editorial, 2009), que inspirou o filme de mesmo nome, dirigido por Sonke Wortmann.

Referências

CARVALHO, M. M. Relações De Gênero E O Repensar Do Fazer Teológico Tradicional: Uma Proposta Da Teologia Feminista. **Resenha**. Periódicos UFSC, 2000, pp. 225-230.

CASTRO, C. S. Mulheres e RCC na América do Sul: Uma Revisão Bibliográfica E Um Estudo De Sites Do Movimento de Renovação Carismática Católica. **Primeiros Estudos**: São Paulo, n. 4, p. 144-155, jun. 2013.

COSTA, A. A. Gênero, poder e empoderamento das mulheres. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, **Curso de gênero**, 2001/2002. CD Rom.

GIL, A. C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. Edição Editora Atlas s.a. 2006.

HOROCHOVSKI, R. R.; MEIRELLES, G. Problematizando O Conceito De Empoderamento. **Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia**, UFSC, Florianópolis, 2007.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Editora Vozes: Petrópolis, RJ, 8 ed. 2007.

Machado, M. D. C.; MARIZ, C. L. MULHERES E PRÁTICA RELIGIOSA NAS CLASSES POPULARES: Uma Comparação Entre As Igrejas Pentecostais, As Comunidades Eclesiais De Base E Os Grupos Carismáticos. **Anais da ANPOCS**. s.a. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_05.htm Acesso em: 02 de jan. 2018.

OLIVEIRA, L. C. Corpos À Procura Do Mundo Sagrado: Sujeição Às Normas Da Renovação Carismática Católica. **Tese de doutorado** - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2009. 152 p.

OLIVEIRA, M. L. S.; KALSING, V. S. S.; OLIVEIRA, R. A.; OLIVEIRA, B. A. M.; PEREIRA, V. S. Mulheres, Relações de Gênero e Divisão Sexual do trabalho em Minas Gerais: Negras, Assentadas de Reforma Agrária e da Economia Solidária em Lavras, Guapé e Prados. **Revistas Retratos de Assentamentos**, v. 18, n. 1, 2015.

ROSADO-NUNES, M. J. Direitos, Cidadania das Mulheres e Religião. **Tempo Social**: São Paulo, v. 20, n. 2, p. 67-81, nov. 2008.

ROSADO-NUNES, M. J. Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. **Rev. Estud. Fem.** [online], vol.14, n.1, 2006, pp.294-304.

ROHDEN, F. Catolicismo E Protestantismo: O Feminismo Como Uma Questão Emergente. **Cadernos PAGU**, v. n. 9, 1997, pp.51-97.

TERRA, Jornal on-line. Dia do Papa: conheça a curiosa história da papisa Joana 29 JUN2015. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/dia-do-papa-lenda-ou-realidade-conheca-a-historia-da-papisa-joana,4e276ab7376c72bb5abcde318ed9c5f8qjcRCRD.html>.>. Acesso em: 08 de janeiro de 2018.

TOMITA, L. E. As Mulheres: Um Desafio Para A Substância Católica. **Revista Eletrônica Correlatio**, n. 10, nov. 2006, pp. 56-66.

SCAVONE, L. Religiões, Gênero e Feminismo. *Revista de Estudos da Religião*: PUC SP. Dezembro, 2008, pp. 1-8.

SILVA, C. G.; SANTOS, A. O.; LICCIARDI, D. C.; PAIVA, V. RELIGIOSIDADE, Juventude E Sexualidade: Entre A Autonomia E A Rigidez. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, p. 683-692, out./dez. 2008.

SUAREZ, M. Gênero: **Uma Palavra Para Desconstruir Ideias de Um Conceito Empírico Analítico**. Encontro de Intercâmbio de Experiências do Fundo De Gênero no Brasil. Projeto Fundo Para Equidade de Gênero. Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional. Campinas, agosto de 1999.